

Igreja Entre Aspas
Somos pedra ou gente?

Tuco Egg



IGREJA
entre aspas

SOMOS PEDRA OU GENTE?

1ª Edição

Prefácio:
Paulo Brabo



Joinville (SC), 2011

© 2011 Editora Grafar Ltda. Todos os direitos reservados.
As referências bíblicas utilizadas, salvo indicação em contrário, são da NVI -
Nova Versão Internacional.

Capa: Tuco Egg

Diagramação: Robert W. Beims

Ficha Catalográfica

E29 Egg, Tuco
Igreja entre aspas: somos pedra ou gente? /
Tuco Egg; prefácio de Paulo Brabo – 1.ed. –
Joinville: Grafar, 2011.
150p.: il.; 21cm
ISBN 978-85-63723-01-7
1. Igreja - História. 2. Literatura devocional. I.
Título.

CDD 270(22.ed)
CDU 264-031

Bibliotecária responsável Maria Isabel Schiavon Kinasz / CRB 9-626

Editora Grafar Ltda.
Rua Quinze de Outubro 4792 – Rio Bonito
89239-700 – Joinville – SC
www.editoragrafar.com.br
contato@editoragrafar.com.br

A MITOLOGIA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

(e seus paralelos com a mitologia da “igreja”)

[...] o que aconteceu, ao longo do tempo, foi uma inversão da realidade histórica. As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como “regras” e “padrões” as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados. Ou seja, a gramática normativa é decorrência da língua, e subordinada a ela, dependente dela. Como a gramática, porém, passou a ser um instrumento de poder e de controle, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua “bonita”, “correta” e “pura”. A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. O que não está na gramática normativa “não é português”. E os compêndios gramaticais se transformaram em livros sagrados, cujos dogmas e cânones têm de ser obedecidos à risca para não se cometer nenhuma “heresia”
(Bagno 1999: 64)

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
AGRADECIMENTO	13
INTRODUÇÃO	15

PARTE I

OS VÍCIOS DA COMUNIDADE

1. Repensando a Igreja - Um referencial teórico	23
2. Igreja “entre aspas”	33
3. Estrutura física como prisão	38
4. A opressão da performance	42
5. Vícios de comunicação	47
6. Muros e pontes	51
7. Evangelho e cultura	56
8. Desapego	62

PARTE II

PARA ONDE APONTAR O NARIZ

9. Reticências	69
10. Nem no céu nem no inferno	73
11. A noiva e o jardim - Uma metáfora	78

8 Igreja entre aspas

12. A igreja, o holocausto e o planeta azul	80
13. A andarilha das Mercês - Uma história real	83
14. Missão, alegria e lágrimas	86
15. O estranho - Uma metáfora	90
16. Não há vida sem morte	93
17. Testemunho de morte	98
18. Uma parábola da “igreja”	102
19. Avivamento	104

PARTE III

ENGAJAMENTO

20. Visões do Reino	109
21. Há tempo para tudo debaixo do sol	113
22. As qualidades dos defeitos	118
23. Perdendo o controle da situação	126
24. Construindo sobre os destroços	132

EPÍLOGO	137
----------------	-----

POSFÁCIO	143
-----------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	149
-----------------------------------	-----

PREFÁCIO

As aspas são as quatro paredes

Meu amigo Tuco Egg era uma bênção, mas agora não vai mais à igreja.

O Tuco costumava ser visto entrando na igreja com a família, dando aula na Escola Dominical, levando no carro abarrotado adolescentes e mochilas para algum retiro, desenhando cartazes e imprimindo folhetos, organizando campanhas, promovendo jantares, sorrindo satisfeito nas confraternizações. Ele cantava, orava, dava ofertas e sentava-se naquele banco.

Hoje é domingo e só Deus sabe onde anda o Tuco. Talvez esteja debaixo do sol num parque ou debaixo de uma cachoeira com a família. Talvez esteja ajudando a empurrar a lama para fora da casa de alguma vítima da enchente, ou ouvindo casos de um lavrador numa casinha de madeira no pé da serra. Talvez esteja molhando os pés no Nhundiaquara ou guiando filhos e sobrinhos ao topo do Anhangava. Talvez esteja descalço e de pijama, comendo torradas e tomando leite desnatado na mesa da varanda enquanto atualiza a Trilha no seu *laptop*. Talvez esteja dormindo até tarde. A questão é que não temos como saber.

Há dez anos, para caracterizar essa metamorfose diríamos que o Tuco anda “afastado da igreja”. Se o víssemos tomando cerveja num bar ou entrando numa boate nos sentiríamos livres para dizer, mais enfaticamente, que “está desviado”.

Mas como insiste em continuar falando sobre Deus no seu blog, o Tuco parece ser o que alguns andam chamando de desigrejado: um cristão secular, sem vínculo institucional. Do mesmo modo que há organizações não-governamentais, há hoje em dia esses cristãos não-organizacionais. Conforme uma pesquisa recente, são cada vez mais numerosos esses que deixam a igreja formal para trás mas não abandonam – segundo eles; como de fato saber? – o seu compromisso com Jesus.

O paradoxo essencial de pessoas como o Tuco é que tomaram a decisão de deixar a igreja de tanto que são apaixonados pela causa da igreja. Acabaram concluindo que a igreja formal não tem mais ou menos defeitos do que qualquer outra instituição, mas tem um defeito e um atrevimento que as outras não têm: o de alegar uma continuidade com o sonho de Jesus para o reino de Deus (venha o teu reino) na terra.

Da minha parte, entendo bem como essa gradual percepção pode acabar levando alguém a trocar a igreja formal por uma empreitada com contornos menos definidos, com menos confortos e mais desafios. Quanto mais leio o Evangelho mais me convenço de que o sonho do reino é ao mesmo tempo muitas vezes mais ambicioso e muitas vezes mais modesto do que todas as igrejas dão a entender.

E, se alguns de nós concluem que são chamados para viver no mundo, não é para sermos finalmente deixados em paz; é porque estávamos em paz dentro da igreja, e nada nos incomodava mais. Diante do mundo novo esboçado pelas parábolas do reino e pelo modo de vida do seu narrador, a igreja formal parece ter se conformado com pouco.

O Tuco é um cara esperto e não ignora que há uma tentação de elitismo nessa história de decidir sair da instituição e tentar viver a vocação cristã fora da igreja. Pode sempre ficar a impressão de que

saímos graças ao nosso entendimento superior ou a uma superior revelação; que nos foi concedido enxergar uma verdade mais elevada que à maioria dos crentes, simplórios demais para vislumbrá-la.

Alguns de nós se debatem por anos na tentativa de resolver esse dilema. Mais simples seria ter tido uma história e uma lucidez como a de Simone Weil, que converteu-se e mesmo depois disso – ela diria *por causa disso* – recusou-se deliberadamente a afiliar-se a qualquer igreja. Weil intuía que os cristãos são chamados, pelo exemplo da encarnação, a uma plena identificação com o mundo e no mundo. Isso inclui abrir mão, na medida do possível, do que ela chamava de “patriotismo eclesiástico”:

De qualquer modo, quando penso no ato pelo qual eu me afiliaria à igreja como algo concreto, que pode acontecer num futuro próximo, nada me dá mais dor do que a ideia de separar-me da imensa e desafortunada multidão de descrentes. Tenho a necessidade essencial, creio que pode-se dizer a vocação, de andar entre homens de todas as classes e feições, misturando-me a eles e compartilhando de sua vida e perspectiva na proporção que a consciência permite, mesclando-me à multidão e desaparecendo no meio dela, para que eles se mostrem a mim como são, removendo todos os seus disfarces diante de mim. Isso porque desejo conhecê-los de modo a amá-los como são. Pois se eu não amá-los como são, não será a eles que estarei amando, e meu amor será irreal.

Creio que o Tuco concordaria que trocar os confortos da igreja formal pelo terreno não-mapeado do cristianismo secular requer uma insensatez semelhante e uma semelhante ambição. Não se trata de querer ser melhor do que ninguém, mas precisamente o contrário: trata-se de abrir mão, do modo mais radical que se possa conceber, do projeto de ser melhor do que qualquer um. É entender que o testemunho mais fundamental, que não se deve sonegar de ninguém, é o da humanidade compartilhada. Para usar uma expressão de Weil, é “desenraizar-se por amor ao próximo e a Deus”,

assumindo voluntariamente o exílio anônimo, sem *glamour* e sem trégua do homem comum.

Se a hospitalidade é a virtude cristã por excelência, sua aplicação mais radical é sair finalmente do conforto da casa.

O lance é que para quem viveu desde sempre na igreja pode ser mais difícil desenraizar-se do que para Weil, que resistiu até o fim. E, de novo, esse passo representa uma verdadeira crise somente para os que sempre consideraram a igreja a parte mais essencial da vida, e portanto da vida cristã. Só se toma um passo como esse depois de um longo período de ruminação no deserto, depois de uma degustação lenta e agri-doce dos Evangelhos, depois de uma avaliação corajosa de uma série de mecanismos que fazem parte da gente muito mais do que da própria instituição.

É essa repensagem que o Tuco faz neste livro, primeiro para si mesmo mas também para quem quiser ouvir. Ele não quer ensinar ninguém a sair da igreja, mas quer que todos ponderem que a igreja, como indicada no Novo Testamento, deve incluir muito mais do que estamos acostumados a pensar. E se a igreja for um lugar de onde ninguém pode sair, mesmo se quiser? E se for uma graça estendida ao mundo, e não um projeto de seleção? E se a expressão “os portões do inferno não prevalecerão contra ela” for indicação de que só o inferno tem portões, e não a igreja?

Se aspas são quatro paredes, ninguém deveria ser capaz de colocar paredes ao redor da igreja. Este livro quer levá-lo a um lugar de onde você possa vislumbrar isso.

Não é o Tuco que precisa de companhia; é o mundo.

Paulo Brabo
Campina Grande do Sul, outubro de 2011

AGRADECIMENTO

Quando esse esboço começou a ser desenhado, não pretendia ser mais que um esboço. Graças à inesperada empolgação de alguns amigos e de gente que conheço só de longe, mas que se dispôs a ler e comentar o texto, ele chegou a esse formato final. Tato e André Egg, João Valente e Ebeneser foram os primeiros. Desde o início, quando o texto ainda tinha uma função acadêmica, Valmor Quintani foi parceiro, amigo, mentor, professor e incentivador. O Brabo, que escreveu o prefácio, e o Robert Beims, que se empenhou na publicação, fizeram o arremate final. Agradeço a todos, de coração.

Evidentemente é impossível escrever um livro sem agradecer à família. Afinal de contas, dela é que roubei o tempo que lhe devia. A ela dedico esse livro, na esperança de que tenha valido a pena.

INTRODUÇÃO

Nos últimos dois mil anos a igreja vem tentando viver e promover aquilo que Jesus chamou de Reino de Deus. Muita coisa foi feita em nome desse Reino anunciado por um mestre judeu e seus seguidores. Se um simpatizante do cristianismo olha para trás, é capaz de citar uma grande lista de feitos notáveis da igreja em favor do evangelho anunciado por Cristo. Porém, se um opositor do evangelho olha para trás, é capaz de apontar grandes horrores promovidos pelo mesmo grupo chamado de cristão. Esse grupo autodenominado igreja, promoveu tanto o bem quanto o mal. Da mesma forma, fora do campo de atuação da igreja cristã, também vemos horror e redenção humana. Grupos de não seguidores desse Jesus promoveram uma civilização avançada e que não difere muito na sua essência dos grupos que decidiram segui-lo. Dentro e fora das igrejas encontramos percentual semelhante de casados e desquitados, sãos e doentes, depressivos e eufóricos, ricos e pobres, bem-sucedidos e falidos. No entanto, os grupos formalmente organizados como instituições religiosas – com seus cargos, hierarquias, liturgias e templos – permanecem sendo considerados os portadores oficiais da mensagem de Cristo. A igreja assumiu o papel do Mestre. Sem ela, nada podeis fazer¹, dizem os sacerdotes. Pregamos a graça e vivemos a lei. Anunciamos o sacerdócio universal, mas permanecemos convenientemente dependentes do cle-

1 Referência a João 15:5

ro. Transformamos a igreja no ópio do povo, conforme observado por Karl Marx.² Ou, em outras palavras, transformamos a igreja no Cristo do povo.

A mais básica das definições de igreja diz que ela não é uma instituição ou um prédio, mas o grupo de seguidores de Jesus espalhados pelo mundo. A maioria dos cristãos conhece essa definição na teoria, mas quase nenhum a conhece na prática. Nosso cristianismo é tão assustadoramente dependente de instituições e prédios que, quando uma pessoa não faz parte de alguma organização nesses moldes, automaticamente é inserida na lista dos “desviados” por quem devemos orar fervorosamente para que retorne logo à única igreja que conhecemos e que possui, necessariamente, CNPJ, estatuto, contador e foro. A única igreja válida é, como observou Alysson Amorim em seu blog, a Igreja S.A.:

Conversava com um amigo afastado da Igreja: me dizia que recebe ainda hoje informativos de sua antiga Congregação, com o nome da ex-esposa (ainda) incluso. Chega a ser quase uma piada, seria não fosse tão lamentável: a Igreja, suposta comunidade organizada em torno de laços fraternos, mostra seu íntimo compromisso com um sistema fulminado por relacionamentos artificiais; não companheiros de uma mesma jornada, mas partes opostas de um mesmo contrato, cujo rompimento unilateral conduz a nefastas consequências.

Dizia meu amigo que foi informado destas consequências quando faxinava seu apartamento ao som “profano” de Nando Reis, um vizinho gritou: “volte para o Evangelho!” A consequência, percebam, estava implícita na recomendação evangelística do pio vizinho: meu amigo foi para longe do Evangelho ao romper o contrato com a Igreja S.A.

Afastar-se do Evangelho: seria possível? Não é o Evangelho, acima de tudo, um anúncio, uma notícia? Não é uma notícia a informação de um fato acontecido? O Evangelho é fundamen-

2 Em *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. Disponível em: <http://www.culturabrasil.pro.br/criticadafilosofiadodireito.htm>

talmente a Notícia de um fato Bom, não algo que possamos afastar com um gesto qualquer. Não é um cão preso entre as paredes de um Templo Sagrado, é, bem ao contrário, a Boa Notícia de que não existem mais lugares sagrados, porque não existem mais lugares profanos: o espaço é homogêneo e todo ele – ou quase todo – está prenhe de histórias que narram um Deus cheio de Graça.

Talvez para se fazer uma crítica contundente à “igreja”, tal como ela se apresenta, fosse importante tentar uma definição de o que é a igreja tal como foi sonhada pelo seu criador. Seria, sem sombra de dúvida, algo bastante oportuno, especialmente se, para ganhar credibilidade, a suposta definição fosse bíblica, mesmo que esse adjetivo tenha pouquíssimo significado na prática. Porque todas as heresias são bíblicas, bem como todas as variações teológicas do cristianismo. Arminianismo e calvinismo são bíblicos. É bíblica a salvação pela fé, tanto quanto pelas obras. E todas as variações escatológicas são bíblicas. Como se não bastasse essa complicação, que por si só já é bastante desestimulante, a Bíblia simplesmente nega-se a dar, qualquer que seja, uma definição de igreja. Nem o Mestre, nem nenhum dos seus apóstolos se deram ao trabalho de definir esse conceito. Simplesmente passaram a usar o termo para designar quaisquer grupos de seguidores de Jesus espalhados por qualquer canto. Referiam-se ora a um conceito abrangente e universal (Mt 16:18), ora aos cristãos de uma cidade (Rm 16:1), ora a um pequeno grupo reunido em alguma casa (Rm 16:5), deixando claro que não estavam preocupados com definições acertadas. Faziam o que lhes “parecia bem” conforme a situação, deixando claro que as decisões eram circunstanciais (At 15:22). Em um momento a igreja é uma só (1Co 10:32), logo em seguida são muitas (1Co 11:16). E, em determinada situação, Paulo sugere uma longa série de atividades que seriam inerentes à igreja de Corinto, mas alerta para que a mulher permaneça calada, “porque é indecoroso para a mulher o falar na igreja” (1Co 14:34-35). Aí começa uma ginástica teológica que procura separar aquilo que é regra universal daquilo

que é cultural, motivada pela necessidade de definição correta, descritiva, detalhada e bíblica.

Tudo que diz respeito à igreja, do ponto de vista do Novo Testamento, está relacionado tão somente ao agrupamento voluntário de gente que reconhecia um mesmo espírito entre si, o espírito do evangelho de Cristo, das boas-novas da salvação, da mensagem da reconciliação, da graça, do amor e do acolhimento mútuo. Era gente encontrando-se por gosto, por prazer, por reconhecer-se no outro. Era gente disposta a compartilhar dores, sofrimentos, alegrias, prazeres, vinho e pão. E, nesse compartilhar voluntário de vidas, os dons eram livremente manifestos, e havia crescimento, fortalecimento, comunhão, ensino, cura, repreensão amorosa e serviço.

O que temos hoje como elementos intrínsecos à “igreja”, não passa de agregados, enxertos, enfeites, penduricalhos. Não são todos necessariamente maus, mas certamente não são inerentemente bons. As hierarquias, os cargos, a membresia, as ordenações, os rituais, os pré-requisitos, tudo isso é circunstancial e, por isso, descartável ou, para os mais apegados, renovável. A melhor definição de igreja foi dada por Vinícius de Moraes:

Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto não tinha nada
Ninguém podia entrar nela não
Porque na casa não tinha chão
Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não tinha parede
Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não tinha ali
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero

(*A casa*. Do musical “A Arca de Noé”)

Está aí a melhor definição bíblica de igreja que pude conseguir. Uma casa não-casa, cheia de graça e construída com esme-

ro em lugar nenhum, porque é móvel, ágil, fluida, como uma pipa carregada pelo vento. E esse é o grande mistério e o grande pavor. Porque nosso desejo é sempre o de controlar, contabilizar, proteger e erguer, com o suor do nosso rosto, uma nova Torre de Babel.

Daqui para frente, portanto, para efeito didático, usarei duas formas distintas de grafia para o termo igreja. Igreja, simplesmente igreja, será sempre uma referência à comunidade cristã do ponto de vista original: o grupo dos seguidores de Jesus espalhados por aí, independente de a que grupo religioso pertence, se é que pertence a algum. Por outro lado, “igreja” (entre aspas) será sempre a forma cultural como a concebemos, repleta dos mais variados acessórios que até podem potencializar sua atuação em algumas situações, mas que, frequentemente e cada vez mais, são um grande empecilho para a manifestação do Reino de Deus na terra.

Tentarei analisar o lado nefasto dessa moeda que deveria ter um lado só. Não nas grandes heresias da teologia da prosperidade, mas nas sutilezas e detalhes que passam despercebidos por debaixo do nariz mais piedoso. Falarei de forma dura e crítica sobre assuntos dos quais nós mesmos não conseguimos nos libertar ou mesmo compreender claramente. Não tenho com isso a intenção de destruir, mas de levantar dúvidas, novos pensamentos, novos olhares, novas perspectivas, sobre uma instituição que, a meu ver, diante do avanço da pós-modernidade³, está prestes a ruir. Ruir como ruiu o templo de Jerusalém, quando se tornou obsoleto. Ou como ruiu a cobra de bronze que foi instrumento de Deus para cura do seu povo, mas substituiu o próprio Deus no imaginário popular, tornando-se ela mesma objeto de adoração (2Rs 18:4). O importante, nesse trabalho, é encontrar possibilidade de vida debaixo dos escombros inevitáveis.

3 O filósofo francês Gilles Lipovetsky prefere o termo “hipermodernidade” para delimitar o momento atual da sociedade humana. O termo “hiper” é utilizado em referência a uma exacerbação dos valores criados na Modernidade, atualmente elevados de forma exponencial. Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipermodernidade>